O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VI | Volume 17 | Nº 49 | Boa Vista | 2024

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

PRINCÍPIOS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS DO NEOLIBERALISMO E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO DO TRABALHO

Francisco Glauber de Oliveira Paulino[1]

Jarles Lopes de Medeiros[2]

Frederico Jorge Ferreira Costa[3]

Maria Núbia de Araújo[4]

Antoniele Silvana de Melo Souza[5]

Resumo

Compreender o impacto do neoliberalismo na sociedade e suas repercussões na precarização das relações contratuais no mundo do trabalho é condição fundamental para o fortalecimento da consciência crítica do sujeito que visa transcender a condição de alienação e, logo, de sua exploração. Dessa forma, este ensaio científico tem como tema a discussão acerca dos arquétipos que circunscrevem o fenômeno econômico e político neoliberal. Tem como objetivo discutir acerca da atividade do neoliberalismo nos marcos políticos, em escala global, problematizando a práxis manipulatória neoliberal no mundo do trabalho. Para tanto, partiu-se da seguinte problemática: existe alguma relação entre a origem do neoliberalismo, a sua implementação na política econômica mundial e as condições de precarização das relações de subjetivação humana e laborais? Assim, foi realizada uma breve apresentação acerca da elaboração, complexificação e desenvolvimento corrosivo da tessitura social do neoliberalismo a partir de sua ideação histórico-filosófica, aplicação inicial e expansiva e, por último, como ele operou ao chegar no Brasil. É a partir deste desiderato e de desenvolvimento social que está assentado o problema fundamental deste ensaio, que objetiva perscrutar a relação existente entre as políticas neoliberais e a piora das relações de trabalho dentro de um contexto de prática política para o desenvolvimento da sociedade capitalista e de alienação humana. Como matriz teórico-metodológica, o estudo em tela está ancorado na perspectiva materialista e crítico-dialética, de natureza teórico-bibliográfica. Como metodologia para o levantamento de dados, foi realizada uma revisão bibliográfica acerca do estado da arte sobre o tema. Esse tipo de pesquisa requer acesso há autores que venham a somar com a temática estudada, fomentado, teoricamente, o estudo, uma vez que é possível formular questões, trazer reflexões fundamentadas acerca do objeto de estudo, além de apresentar o que vem sendo discuto na literatura a partir do conteúdo disponibilizado em livros de autores renomados de áreas como a sociologia, a filosofia e afins e de artigos científicos de revistas brasileiras e estrangeiras disponibilizados em plataformas de busca de trabalhos científicos, como a Scopus, a ScienceDirect, a SciELO e a Web of Science, com recorte temporal entre os anos de 2019 e 2024. O corpus da pesquisa foi composto por 16 livros e 4 artigos publicados em língua portuguesa e 9 em língua inglesa e espanhola. Trata-se, portanto, de uma reflexão descritiva e exploratória que enseja explicitar a relação entre esse contexto de crise e o mundo do trabalho, destacando limites e possibilidades. As conclusões deste ensaio identificam os principais arquétipos histórico-filosóficos do neoliberalismo e a sua relação com as relações sociais vigentes na sociedade capitalista hodierna e sugerem que, embora o tema possua uma larga produção científica, ele está ainda em construção, o que requer pesquisas que lhe atualizem à luz de seus fundamentos.

Palavras-chave: Capitalismo; Mistificação; Neoliberalismo; Trabalho.

Abstract

Understanding the impact of neoliberalism on society and its repercussions on the precariousness of contractual relationships in the world of work is a fundamental condition for strengthening the critical consciousness of the subject who aims to transcend the condition of alienation and, therefore, exploitation. Therefore, this scientific essay has as its theme the discussion about the archetypes that circumscribe the neoliberal economic and political phenomenon. It aims to discuss the activity of neoliberalism in political frameworks, on a global scale, problematizing the neoliberal manipulative praxis in the world of work. To this end, we started with the following problem: is there any relationship between the origin of neoliberalism, its implementation in world economic policy and the precarious conditions of human and labor subjectivation relations? Thus, a brief presentation was made about the elaboration, complexification and corrosive development of the social fabric of neoliberalism from its historical-philosophical ideation, initial and expansive application and, finally, how it operated upon arriving in Brazil. It is from this desideratum and social development that the fundamental problem of this essay is based, which aims to examine the relationship between neoliberal policies and the worsening of labor relations within a context of political practice for the development of capitalist society and human alienation. As a theoretical-methodological matrix, the study in question is anchored in the materialist and critical-dialectic perspective, of a theoretical-bibliographic nature. As a methodology for data collection, a bibliographic review was carried out on the state of the art on the topic. This type of research requires access to authors who will add to the theme studied, theoretically promoting the study, since it is possible to formulate questions, bring grounded reflections about the object of study, in addition to presenting what has been discussed in the literature based on the content available in books by renowned authors in areas such as sociology, philosophy and the like and scientific articles from Brazilian and foreign magazines available on scientific work search platforms, such as Scopus, ScienceDirect, SciELO and Web of Science, with a time frame between 2019 and 2024. The research corpus was composed of 16 books and 4 articles published in Portuguese and 9 in English and Spanish. It is, therefore, a descriptive and exploratory reflection that aims to explain the relationship between this context of crisis and the world of work, highlighting limits and possibilities. The conclusions of this essay identify the main historical-philosophical archetypes of neoliberalism and its relationship with the social relations in force in today's capitalist society and suggest that, although the topic has a large scientific production, it is still under construction, which requires research that update it in light of its foundations.

Keywords: Capitalism; Mystification; Neoliberalism; Work.

[1] Mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Email: francisco.paulino@aluno.uece.br

[2] Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutor em Educação. E-mail: jarles.lopes@uece.br

[3] Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutor em Educação. E-mail: frederico.costa@uece.br

[4] Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Email: nubiadearaujo@yahoo.com.br

[5] Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Email: antoniele.asms@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este texto busca apresentar os arquétipos que circunscrevem o fenômeno econômico e político neoliberal. Tem como objetivo discutir acerca da atividade do neoliberalismo nos marcos políticos, em escala global, problematizando a práxis manipulatória neoliberal no mundo do trabalho.

A economia política foi idealizada originalmente como uma ciência para gerir os recursos considerados como escassos para, assim, poder satisfazer os interesses e necessidades humanas viventes em sociedades desenvolvidas. É fundamental compreendermos os impactos que o neoliberalismo vem causando em nossa sociedade desde seu nefasto vicejar, haja vista que ele se trata não apenas de um modelo socioeconômico, mas de um sofisticadíssimo, ideal gestor da disciplina autorregulativa do sofrimento humano.

Dessa forma, constantemente são utilizadas categorias morais e psicológicas como pressupostos silenciosos de uma ação econômica que é, ao mesmo tempo, em seu processo autoimanente de expansão despótica e autofágica. Assim, traremos um breve resgate do pensamento econômico-filosófico clássico e neoliberal para facilitar a compreensão dos leitores.

O estudo ora proposto justifica-se por oferecer uma contribuição significativa à sociedade, em geral, e à comunidade acadêmica, em particular, ao apresentar uma discussão acerca do complexo fundante da lógica normativa de conjunto da sociedade capitalista atual, o neoliberalismo. Para tal incumbência, cientes de que vários autores, assim como diversas teorias, disputam a compreensão dos fatos objetivos sob os seus próprios prismas acerca dos fenômenos aqui discutidos, realizou-se uma seleção de autores e perspectivas, *i. e.*, recortes e escolhas, tão válidos quanto os que poderiam ser realizados por qualquer pesquisador afeito à abordagem proposta pela teoria crítica e pelo materialismo histórico. Assim, ao analisar a última forma de racionalidade do capital, o neoliberalismo, a partir de sua fundamentação filosófica e de sua constituição histórica, sem descuidar da ressignificação dos espaços de sociabilidade e de subjetivação humana, a pesquisa reafirma a necessidade de discussões apuradas sobre uma temática tão candente. Ou seja, a análise realizada neste estudo se justifica por oferecer pressupostos para a compreensão da nova pragmática econômica capitalista e para a valorização do trabalho de pesquisa na esfera político-cultural, enriquecendo o debate acadêmico sobre essa temática.

Dito isso, faremos uma breve apresentação acerca da elaboração, complexificação e desenvolvimento corrosivo da tessitura social do neoliberalismo a partir de sua ideação histórico-filosófica, aplicação inicial e expansiva e, por último, como ele operou ao chegar no Brasil. É a partir deste desiderato e de desenvolvimento social que está assentado o problema fundamental de nossa pesquisa, a qual objetiva perscrutar a relação existente entre as políticas neoliberais e a piora das

relações de trabalho dentro de um contexto de prática política para o desenvolvimento da sociedade capitalista e de alienação humana.

Incluindo esta introdução, e descurando-se dos elementos pré e pós-textuais, este ensaio científico está redigido em seis momentos autoconstitutivos, os quais tratam, à luz da teoria crítica, de três questões centrais: 1) a origem dos marcos histórico-filosóficos do neoliberalismo; 2) a implementação do neoliberalismo na política econômica mundial; 3) a intervenção prática do neoliberalismo no mundo do trabalho. Na segunda seção, é apresentada a metodologia utilizada para a relação deste ensaio. Em seguida, discutimos as premissas da arqueologia neoliberal, destacando os seus principais marcos históricos e filosóficos. Na seção 3, são apresentados os impactos do neoliberalismo na macroeconomia, com destaque para os seus impactos nas relações sociais. A quarta seção traz uma discussão acerca da economia mundializada sob a égide neoimperialismo no Brasil. Por último, nas *Considerações finais,* realiza-se uma síntese das principais contribuições desta investigação, limitações e sugestões de estudos futuros.

METODOLOGIA

Como matriz teórico-metodológica, o estudo em tela está ancorado na perspectiva materialista e crítico-dialética, de natureza teórico-bibliográfica baseada em autores como Alves (2011), Lukács (2023), Marx (2022; 2023), Mészáros (2007; 2021), Rolnik (2019), Safatle (2021) e Sevilla (2023), dentre outros. Trata-se, portanto, de uma reflexão descritiva e exploratória que enseja explicitar a relação entre esse contexto de crise e o mundo do trabalho, destacando limites e possibilidades.

Sobre consistência da revisão bibliográfica para o desenvolvimento de pesquisas, Cervo, Bervian e Silva (2007) destacam esse tipo de estudo requer acesso há autores que venham a somar com a temática estudada e que deve fomentar de forma mais teórica a pesquisa. Dessa forma, podemos formular questões, trazer reflexões fundamentadas acerca do objeto de estudo, além de apresentar o que vem sendo discuto na literatura. Soares *et al*. (2011), a revisão bibliográfica "consiste no exame da literatura científica para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado tema".

Nesse contexto, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o fenômeno social conhecido como neoliberalismo a partir do conteúdo disponibilizado em livros de autores renomados de áreas como a sociologia, a filosofia e afins e de artigos científicos de revistas brasileiras e estrangeiras disponibilizados em plataformas de busca de trabalhos científicos como a *Scopus*, a *ScienceDirect*, a *SciELO* e a *Web of Science*. Com isso, e em anuência com Marconi e Lakatos (2017), compreende-se

que conhecer o estado da arte sobre o neoliberalismo e a precarização das relações contratuais de trabalho nos permite desvendar elementos importantes para a construção teórica da temática.

Estudos deste tipo podem servir como subsídio para identificar as abordagens mais recorrentes nas pesquisas já realizadas, conforme Cervo, Bervian e Silva (2007), bem como as lacunas que precisam ser preenchidas pela literatura. Nas plataformas de artigos científicos mencionadas, demos preferência por artigos que possuíssem o termo "neoliberalismo" em seu título e que atendessem ao recorte temporal do último quinquênio (2019-2024). Assim, o *corpus* da pesquisa foi composto por 16 livros e 4 artigos publicados em língua portuguesa e 9 artigos publicados a partir de 2019 em língua inglesa e espanhola.

No que tange à operacionalização da pesquisa, a revisão bibliográfica foi realizada a partir de livros e, em complementariedade, em vernácula portuguesa, nas revistas *Organizações & Sociedade* (1), *Boletim de Conjuntura (BOCA)* (2), *Revista Cocar* (1) e *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana* (1); e, em língua inglesa e espanhola, nas revistas *National Library of Medicine* (1), *Structural Change and Economic Dynamics* (1), *Cochrane Database Syst Ver* (1), *Humanit Soc Sci Commun* (1), *International Journal of Social Determinants of Health and Health Services* (1), *British jornal of Social Psychology* (1) e *Monthly Review* (2).

UMA PEQUENA ARQUEOLOGIA DA TEORIA NEOLIBERAL: A CRIAÇÃO DO NOVO RELIGARE UNIVERSAL

"Se Deus não existe, tudo é permitido" (Fiódor Dostoiévski)

O poema em epígrafe condensa, de modo assertivo, uma leitura catártica e, talvez, a maior decepção histórica de um dos nossos maiores romancistas e pensadores da humanidade no século XIX. Em sua obra *Os irmãos Karamázov*, escrito na Rússia czarista, em 1879, Fiódor Dostoiévski (1821-1881) lançou mão neste recurso poético para se referir à anarquia que pode resultar de um *laissez-faire* na sociedade, ou seja, de uma sociabilidade permissiva e sem limites éticos e morais que visem a manutenção da generidade humana. Sociedade esta tão apregoada pelos acólitos mais virulentos do capitalismo contemporâneo.

Logo, partindo de uma licença poética e, assim, descontextualizando o mesmo, lançamos mão neste excerto da obra do autor por compreendermos que, com o advento do neoliberalismo, a humanidade está caminhando para uma tal anarquia social, se não igual, pior do que a que foi prevista por F. Dostoiévski. Ou seja, compreendemos que a humanidade está caminhando para uma condição permanente de disputa entre todos contra todos, onde os interesses da burguesia prevalecerão frente à fome, à miséria e a outras tantas formas perniciosas de derrelição humana.

Partindo da discussão desenvolvida previamente por Alves (2011), podemos asseverar que uma das condições prementes no processo de fetichização social do neoliberalismo é a mistificação apologética da realidade. Conforme Sevilla (2023), "Trata-se de um sistema que se apresenta como uma reação teórica – e também política –ao Estado de bem-estar social e intervencionista que vigorava no continente europeu após a Segunda Guerra Mundial". Como podemos apreender durante a revisão bibliográfica, o *ethos* neoliberal fundiu-se ao "Mundo do Trabalho" com o apregoamento de contrapartidas compensatórias e quantitativas, como por exemplo ao propor bonificações salariais ou gratificações extraordinárias com o intento de mistificar a defasagem do salário. Dito de outro modo, e agora nas palavras de Harvey (2020), para gentrificar a defasagem do salário nominal e não o salário real, entre tantas outras coisas.

Uma das condições prementes no processo de fetichização social do neoliberalismo é a mistificação da realidade, com a manutenção de propagandas e pelo inculcamento ideológico ininterruptamente de contrapartidas compensatórias, como bonificações salariais ou gratificações extraordinárias, como alternativas à corrosão da qualidade de vida do Estado de bem-estar social até então vigente, em alguns casos, a depender do país e/ou da região, para mais, enquanto em outros, para menos, dos direitos sociais e do emprego padrão, ou seja, da conformação do fenecimento das formas de emprego vitalício e do "pacto da cidadania salarial" (BRAGA, 2023). Conforme Celestino (2022), "O mundo enquanto sociedade envolveu-se num constante debate que se resume na liberalização da liberdade retida no cérebro político, para o bem-estar social e individual".

Assim sendo, como Harvey (2020) muito bem nos propõe, este recurso de falseamento e de mistificação da realidade serve como alternativa a "perfumar o cadáver nauseabundo" e, assim, a escamotear a corrosão da tessitura da qualidade de vida minimamente conquistada ao longo dos anos de luta dos sindicatos e da classe trabalhadora, até então vigente, para mais ou para menos, a depender do caso, em razão da heterogeneidade que compõe a classe trabalhadora, *i. e.*, passa-se a dissolução dos direitos sociais e do emprego padrão e da cidadania salarial.

Em análise ampliada sobre o como se deu a aplicação do fenômeno mencionado no parágrafo sobreposto na Índia, Bag e Watkins (2021) afirmam que a neoliberalização da economia e do mundo do trabalho gerou uma série de anomalias, pois esticou o tecido social em novas formas, hipertrofiando-o. Ou seja, alongando a distância entre a classe mais abastada (burguesia) da classe mais vulnerável (proletariado) enquanto que, ao mesmo tempo, vai achatando a classe média, esta que na maioria das vezes é composta por funcionários do sector público.

A compreensão histórico-filosófica de neoliberalismo possui pouco mais de um século, embora a sua principal influência política seja muito mais recente. Ela surgiu pela primeira vez como ideologia no

início da década de 1920, face ao declínio do liberalismo em boa parte da Europa, e em resposta à ascensão da social-democracia na Alemanha e na Áustria. Teve a sua primeira aparição notável nas três obras do economista e sociólogo austríaco Ludwig von Mises (1881-1973): *Nação, Estado e Economia*, de 1919, *Socialismo*, de 1922, e *Liberalismo*, de 1927. As ideias de Mises foram imediatamente reconhecidas como uma representação filosófico-econômica que levava a um afastamento acentuado do liberalismo clássico, o que, por sua vez, levou o proeminente austromarxista Max Adler (1873-1937) a cunhar o termo *neoliberalismo* em 1921 (FOSTER, 2019a).

O neoliberalismo, tal como surgiu pela pena de Mises, foi visto pelos críticos marxistas na década de 1920, assim como por algumas figuras da direita, como uma tentativa de racionalizar um monopólio empresarial ou capital financeiro muito distante dos preceitos do liberalismo clássico. Ele foi concebido para fornecer a base intelectual para a guerra de classes capitalista não só contra a filosofia socialista e a experiência socialista soviética, mas contra todas as tentativas de regulação social e social-democracia que se desenhavam no modelo do estado de bem estar social, um ataque sem trégua à classe trabalhadora (FOSTER, 2019b).

O termo cunhado por Adler anos antes passou um bom tempo "engavetado", mas ganhou notoriedade pelas mãos do alemão Alexandre Rüstow (1885-1963), e assim recebeu "um sopro de vida em suas narinas", *i. e.*, teve o seu primeiro "espasmo de vida", um ano antes da eclosão da Segunda Guerra (1939-1945) na cidade de Paris, em 1938, na França, graças aos esforços de uma camarilha de ideólogos que era formada basicamente por notórios intelectuais orgânicos da burguesia decadente, daquela época. Este encontro mencionado por último entrou para os livros de história com o cognome de *Colóquio Walter Lippmann* (PAULINO, 2022).

Fora formado, principalmente, por um grupo seleto de cientistas políticos, economistas, jornalistas, sociólogos e filósofos que se reuniram para discutir sobre o que, entre as décadas de 1920 a 1930, se demonstrava como uma "possível" falência do liberalismo clássico e do "Estado Providência" e, assim, poderem criar uma engenharia social ideológico-performática alternativa ao coletivismo apregoado pelo socialismo científico da tradição materialista e crítico-dialética ou o assistencialismo keynesiano da tradição liberal clássica (SAFATLE, 2021).

Como bem nos alerta Safatle (2021), para os ideólogos e defensores do ideário performático e tecnológico neoliberal, toda forma de gestão social que busque, mesmo que minimamente, mitigar os males criados pelo próprio modo de produção capitalista devem ser eliminados. Conforme Safatle (2021, p. 24) neste caso em específico, "para os neoliberais, mesmo a regulação de moldes keynesianos era tão insuportável quanto qualquer forma de Estado socialista".

O nome de *Colóquio Walter Lippmann* foi escolhido por um de seus principais idealizadores o filósofo francês Louis Rougier (1889-1982), por conta da forte inspiração disciplinadora que fora causada em seus asseclas pelo livro, à época recém-publicado por um influente jornalista estadunidense, *A boa sociedade*, de Walter Lippmann (1889-1974). Ao todo, o evento contou com a presença de vinte e seis intelectuais de áreas distintas do pensamento científico e político, aqui já mencionadas.

Ao analisar de forma ampliada o surgimento do *páthos* neoliberal como forma performática alternativa e disciplinadora do sofrimento psíquico humano causado pelo modelo despótico e beligerante capitalista, Safatle (2021) nos afirma que os idealizadores do neoliberalismo possuíam a plena clareza de que seria necessária uma mudança radical na formação dos indivíduos para que pudessem obter êxito. Em suas palavras:

> [...] a liberdade liberal teria de ser reproduzida e defendida. Como dirá décadas depois Margareth Thatcher: "Economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma". E essa mudança dos corações e mentes teria de ser feita através de doses maciças de intervenção e de reeducação. Isso até o momento em que os indivíduos começassem a ver a si mesmos como "empreendedores de si", isso até o momento em que eles internalizassem a racionalidade econômica como a única forma de racionalidade possível. [...] (SAFATLE, 2021, p. 24).

O inculcamento desse embuste ideológico "falso-puritano", que foi criado pelos ideólogos orgânicos da burguesia como missão, foi extremamente necessário para que se pudesse construir uma forma de engenharia social e uma estética performática capazes de criar um tipo de individualização humana baseada no modelo da empresa, isto é, formar uma consciência que deve funcionar de forma pragmática a apreender, dirigir e avaliar o que lhe é aprazível como se faz em uma empresa. Esta forma de disciplinamento violento, por sua vez, acabou por formar o indivíduo ideal ao neoliberalismo, que seria um indivíduo totalmente desamparado e ignorante, que ao invés de buscar se apropriar de conhecimentos científicos e filosóficos que pudessem lhe munir com a arma da crítica e a crítica da arma que ele viesse a combater o seu verdadeiro algoz apenas passou a somatizar o seu sofrimento auto despótico em forma de submissão dócil ou de doenças (REDDY; AMER, 2023).

Safatle (2021), por exemplo, descreveu de forma certeira e completa essa base neoliberal beligerante, falaciosa e autodestrutiva que ao mesmo tempo em que defende o livre mercado advoga formas totalitárias de governo da seguinte maneira:

> [...] a liberdade do mercado só poderia ser implementada calando os que não acreditam nela, todos os que contestam seus resultados e sua lógica. Para isso, seria necessário um Estado forte e sem limites a sua sanha para silenciar a sociedade de forma violenta. O que nos explica por que o neoliberalismo é, na verdade, o triunfo do Estado, e não a sua redução ao mínimo. [...] submeter-se à pretensa racionalidade das leis da economia exige uma despolitização radical da sociedade, uma recusa violenta de seus questionamentos a respeito da autonomia do próprio discurso

> econômico em relação aos interesses políticos. Ou seja, tal submissão exige assumir a economia como a figura mesma de um poder soberano, provido de uma violência propriamente soberana. Nesse ponto, podemos encontrar a expressão da natureza política autoritária da economia neoliberal, e aqui se desenha o mesmo modelo de gestão social que podemos encontrar em teóricos do nazismo, como Carl Schmitt. [...] vem de Schmitt a noção de que a democracia parlamentar, com seus sistemas de negociações, tendia a criar um "Estado Total". Tendo de dar conta de múltiplas demandas vindas de vários setores sociais organizados, a democracia parlamentar acabaria por permitir ao Estado intervir em todos os espaços da vida, regulando todas as dimensões do conflito social, transformando-se em mera emulação dos antagonismos presentes na vida social. Contra isso não seria necessário menos Estado, mas pensar outra forma de Estado Total: um Estado total "qualitativo", como dirá Schmitt. Nesse caso, um Estado capaz de despolitizar a sociedade, tendo forças suficientes para intervir politicamente na luta de classes, eliminar as forças de sedição a fim de permitir a liberação da economia de seus pretensos entraves sociais. Schmitt não quer um Estado planificador, mas um Estado capaz de garantir uma intervenção autoritária no campo político a fim de liberar a economia em sua atividade autônoma. Essa noção era extremamente presente no debate alemão do final dos anos 1920 e início dos anos 1930 e vem daí a perspectiva política de Hayek. [...] (SAFATLE, 2021, p. 27-28).

Perdoem-nos a longa citação. Só reproduzimos uma citação tão extensa por compreendermos que somente de forma integral ela iria traduzir adequadamente o embuste neoliberal na visão do autor que compartilhamos a compreensão do "ser propriamente assim" (LUKÁCS, 2023) do neoliberalismo.

Dito isso, exatamente nove anos à frente do evento supramencionado, e agora, como nos informou Safatle (2021) e Foster (2019b), bem alinhados com a ideologia dominante do Estado totalitário sobredito e em outras experiências fascistas, em 1947, os mesmos "espadachins da liberdade neoliberal" e os novos "vendilhões do templo" se reuniram novamente para discutir acerca de como poderiam implementar o seu programa ideológico, porém, na cidade de Mont Pèlerin, na Suíça, e agora sob a batuta do austríaco Friedrich Hayek (1899-1992), do britânico Karl Popper (1902-1994) e do estadunidense Milton Friedman (1912-2006). Não dispomos dos documentos e atas de reunião elaborados durante o evento mencionado por último durante a nossa pesquisa, mas Chauí (2018), em definição direta a tríade sobredita, não nos deixa nenhuma dúvida a respeito da verve pertinaz seguida da malquerença deles. Chauí (2018) assim os define:

> [...] Esse grupo opunha-se encarniçadamente ao surgimento do Estado de Bem-estar de estilo keynesiano e social-democrata e à política norte-americana do New Deal, e elaborou um detalhado projeto econômico no qual atacava o chamado Estado Providência, com seus encargos sociais e com a função de regulador das atividades do mercado, afirmando que esse tipo de Estado destruía a liberdade dos cidadãos e a competição, sem as quais não há prosperidade. [...] (CHAUÍ, 2018, p. 201-202).

A homília idealizada por este grupo supracitado permaneceu em letargia e desacreditada durante bastante tempo, mais especificamente até a explosão da crise capitalista de 1970. Graças ao forte impacto desta crise a camarilha de intelectuais de alta formação orgânicos aos interesses capitalistas liderada pelos 03 grandes "reverendos do neoliberalismo" – F. Hayek, K. Popper, M. Friedman – e por

toda sua corja de seguidores passou a grassar com mais imponência e respeito pela seara política, haja vista que este tipo de ideólogo hegemônico do capital, já a muito denominados por Marx (2022) de "merceeiros de ideias", ofereciam uma panaceia "retirada da cartola" para a atual, segundo eles acidental e superável, crise econômica e cumulativa do capitalismo despótico e beligerante. Em seu *pogrom*, conforme Chauí (2018) e Foster (2019a), eles elegeram como bode expiatório para a crise econômica capitalista de 1970 os sindicatos de classe e os movimentos de operários que pressionavam a burguesia por aumentos salariais e por aumento de encargos sociais do Estado para a categoria.

Conforme os mesmos sobreditos, os sindicatos teriam impossibilitado a realização do ciclo da mercadoria e do mais-valor (elevação dos níveis de lucro e de acumulação de capital) desejados pela burguesia e que por este motivo teriam desencadeado os incontroláveis processos inflacionários de então. Feito o diagnóstico de forma rápida e assertiva os ideólogos do neoliberalismo, quem sabe, talvez munidos por revelação do espírito personificado da verdade Alétheia ou pela sanha de seu bom deus da cobiça e da ganância Plutão, propuseram o tão esperado elixir milagroso para a manutenção do capitalismo decadente (PAULINO, 2022). Dito tudo isso, anuentes com Chauí (2018), apresentaremos, agora, os principais preceitos da cabala neoliberal:

1. Criação de um Estado forte para quebrar a espinha dorsal dos sindicatos e o poder dos movimentos operários;
2. Controlar fortemente o dinheiro público assim como também cortar drasticamente os encargos sociais e os investimentos estatais na economia;
3. A criação de um Estado que a meta seja a estabilidade econômica e monetária ao preço da contenção dos gastos sociais;
4. Reestruturação da taxa de desemprego necessário para a manutenção do exército de reserva e do lumpemproletariado a fim de quebrar a capacidade de confrontamento dos sindicatos;
5. A formação de um Estado capaz de realizar uma reforma fiscal para alavancar os investimentos privados;
6. Redução da cobrança de impostos sobre as grandes fortunas e capitais acumulados seguida pelo aumento da cobrança tributária sobre a renda individual;
7. A criação de um Estado capaz de afastar a regulação econômica, deixando assim para o próprio "Mercado" o poder de autorregulação.

Todos os mandamentos elaborados para a cabala neoliberal nos foram apresentados para a honra e glória do nosso bom "Senhor Capital" após o hercúleo esforço dos mais santos, sacros e justos dentre os homens (pobres e santos sacerdotes secundados por alguns celibatários) que a vários anos jejuavam fielmente para santificação de seus corpos. Homens de caráter supostamente inquestionável que após um longo e profundo estudo nos evangelhos e na escolástica do Liberalismo e da filosofia revelada pelos seus profetas onde claramente que não poderia faltar, de uma longa peregrinação à Meca rumando à

terra santa, encontraram finalmente para a nossa sorte o santo templo da Escola de Chicago e os homens mais iluminados desde o milagre da criação: os *Chicago boys*, onde pelo cumprimento da glória do bom "Deus Mercado" receberam a revelação trazida pelos arcanjos mensageiros do nosso bom Deus *Mamon* e fundaram sobre uma pedra bem firme a "Igreja Neopentecostal Quadrangular do Reino do Neoliberalismo".

Estes santos mártires sobreditos ao "descerem do monte", alguns montados em ídolos ouro enquanto outros vieram flanando nas asas dos arcanjos e dos querubins, os santos profetas do neoliberalismo nos revelaram as sagradas escrituras contidas nas santas tábuas que foram esculpidas na rocha após serem psicografadas por tão nobres homens para só assim nos apresentarem finalmente o seu "imperativo categórico" absoluto e "aprova de falhas", o mandamento supremo do neoliberalismo, eles trouxeram à baila o seu "mantra" mais sagrado que fora idealizado pela santíssima trindade composta por "nada mais ou nada menos" que a fórmula trinitária do Deus onipotente Capital, da divindade onipresente *Mamon* e pela santíssima deidade onisciente do Mercado, que seria: *There is no alternative!* [Não há outra alternativa!]*"*.

Para tal empreitada, a cantilena do ideário neoliberal, visando a abolição, com efeito, de todo e qualquer investimento estatal que vise a defesa do social e/ou dos serviços públicos, passou a corroer a tessitura de toda e qualquer assistência social promovida pelo Estado. Entretanto, vale frisarmos que o neoliberalismo não renunciou a investimentos públicos voltados para os aparelhos violentos e repressivos estatais para a sua própria proteção (MÉSZÁROS, 2021). Não é à toa que os ideólogos neoliberais costumem descrever o papel do Estado comparando-o com um "guarda noturno".

A ideologia neoliberal incentiva os indivíduos a lutarem pela sua auto realização, crescimento pessoal e felicidade individual. No entanto, pode igualmente argumentar-se que os indivíduos são prejudicados pela lógica neoliberal haja vista esta ideologia promover uma competição exacerbada entre os atores sociais e, no processo, minar todo o sentimento de solidariedade e sentido segurança social das. Na verdade, sob o *lócus* neoliberal, as disparidades económicas são vistas como meramente algo acidental, como reflexos precisos das diferenças no trabalho árduo e no merecimento e a era neoliberal assistiu a um aumento correspondente da desigualdade (BECKER; HARTWICH; HASLAM, 2021).

De acordo com os estudos de George e Hepburn (2023) e de Pollock *et al*. (2020), podemos considerar que as consequências da ideologia neoliberal apresentadas no último parágrafo possuem uma relação intima com o adoecimento físico e mental da população em geral assim como dos profissionais que atendem essa população em estado de vulnerabilidade.

Desde a ascensão do neoliberalismo, os apelos à justiça social assumiram cada vez mais a forma de exigências clientelistas e de reconhecimento da identidade econômica empresarial frente ao

coletivo. A teoria neoliberal exige a intervenção governamental mínima voltada ao social e às minorias, enquanto, por outro lado, enfatiza que a defesa da propriedade privada e a livre concorrência devem ser garantidas pelo Estado e sublinha as liberdades individuais e a responsabilidade pessoal (LIN; WONG, 2023).

Amparadas na teoria crítica presente nos estudos de Nancy Fraser que foram publicados em 2009 na revista *New Left – Capitalism, feminism, and the cunning of history* –, Lin e Wong (2022) afirmam que o:

> o neoliberalismo é entendido como um sistema de pensamento que enfatiza a superioridade das forças de mercado e da liberdade individual, defendendo a aplicação dos princípios de mercado em todos os aspectos da sociedade. Durante a ascensão do Neoliberalismo, os apelos à justiça assumiram cada vez mais a forma de exigências de reconhecimento da identidade e da diferença. A teoria neoliberal apoia a intervenção governamental mínima, enfatiza a propriedade privada e a livre concorrência e sublinha as liberdades individuais e a responsabilidade pessoal (LIN; WONG, 2023, p. 2).

Assim sendo, podemos compreender que o *páthos* neoliberal emergiu historicamente como um meio prático de "mercantilizar o Estado", em vez de aboli-lo. O neoliberalismo exemplifica um papel diferente, em vez de limitado, do Estado, convertendo-o em um imenso consumidor de serviços adquiridos ao sector privado (MISSOS; DOMENIKOS; PONTIS, 2024). Logo, podemos concluir que, em uma síntese bem apertada, o que os autores neoliberais ensejam de fato é a abolição do controle estatal sobre o fluxo contínuo financeiro dos grandes capitalistas, uma forte legislação antigreve e um programa de privatização das estatais seguido pela transformação de direitos sociais, antes garantidos pelo Estado, a condição de serviços vendidos e, por esta razão, serem não mais um direito, mas, sim, uma mercadoria consumível a ser oferecida pelo Mercado.

DA IDEAÇÃO PARA A PRÁTICA: O NEOLIBERALISMO COMEÇA A DITAR A MACROECONOMIA

Conforme podemos aferir em Chauí (2018), o modelo piloto de gestão econômica neoliberal, graças ao nosso "primeiro onze de setembro" (CHOMSKY, 2017), foi aplicado pela primeira vez no Chile durante o regime ditatorial (1973-1990) de Augusto Pinochet (1915-2006), haja vista que, assim como o liberalismo clássico pensado por John Locke (1632-1704), Adam Smith (1723-1790), David Ricardo (1772-1823) e Thomas Malthus (1766-1834), entre tantos outros diletantes do liberalismo, conseguia coexistir muito bem com as formas de opressão escravistas durante a assim denominada por Engels (2023) de "acumulação primitiva do capital".

Dessa forma, imantados desta vez em Rolnik (2019) e em Fraser e Jaeggi (2020), compreendemos que é impossível pensarmos o neoliberalismo sem termos que pensar de forma conjunta sobre as mais variadas e diversificadas formas de violência que foram/são adotadas pelo *modus operandi* do neoliberalismo. Frente a esta última afirmação, a proposição do filósofo marxista húngaro István Mészáros é sumariamente assertiva, pois para o mesmo o funcionamento da "máquina capitalista" gera necessariamente violência, miséria, destruição, entre tantas outras coisas nefastas e deletérias à humanidade. Conforme Mészáros (2021), a política macroeconômica neoliberal convive muito bem com regimes violentos, totalitários e de cariz fascista ou ditatoriais que convulsionam de tempos em tempos para garantir a manutenção do capital espoliativo e selvagem pelos seus trustes.

Um bom exemplo do que já afirmamos há pouco foi o nosso segundo 11 de setembro. Dito isso, como também pudemos aferir em Chomsky (2017), o nosso "primeiro 11 de setembro", ocorrido na América Latina em 1973, marcou "mais um bom êxito" da política neoimperialista dos Estados Unidos da América (EUA) em seu ciclo de financiamento, treinamento e aplicação de regimes ditatoriais ao redor do globo iniciados logo após o cessar fogo da II Guerra (1939-1945) e início da Guerra Fria (1947-1991). Neste golpe em específico, seus esforços se voltaram para a derrubada do curto governo democrático (1970-1973) de Salvador Allende (1908-1973) no Chile com um golpe militar que levou a subida ao poder do terrível regime ditatorial do general A. Pinochet.

No esteio da ditadura mencionada instalou-se organicamente a violência do regime ditatorial o elixir milagroso criado pelos *meninos de Chicago* e, assim, remodelaram a economia do país. Destruiu-se a economia e a soberania nacional chilena por meio de torturas e sequestros. Como bem explica Chomsky (2017), o real objetivo por trás do golpe impetrado no Chile,

> [...] nas palavras da administração Nixon, era matar o "vírus" que poderia encorajar todos esses "estrangeiros [que] estão a fim de foder com a gente" – foder com a gente era tentar assumir o controle de seus próprios recursos e, em termos mais gerais, aplicar uma política de desenvolvimento independente, numa diretriz que causava repulsa em Washington. Em segundo plano, apoiando a decisão do golpe, estava a conclusão do Conselho de Segurança Nacional (*National Security Council* – NSC, na sigla em inglês) de Nixon de que, se os EUA não eram capazes de controlar a América Latina, não se podia esperar que conseguissem "realizar a sua ordem auspiciosa em qualquer outro lugar no mundo". [...] (CHOMSKY, 2017, p. 30).

Após o bom êxito da escolástica neoliberal no Chile o neoliberalismo expandiu os seus tentáculos ávidos por lucro e riquezas para os EUA no novo mandato presidencial (1981-1984) de Ronald Reagan (1911-2004) que ali tomava força graças a crise de 1970 onde, por sua vez, o governo Reagan conseguiu se estender por dois mandatos seguidos (1981-1989). Assim como pelo mesmo motivo que se espraiou nos EUA, também, a sanha neoliberal se espraiou para o novo mandato de

primeira-ministra (1979-1983) inglesa de Margaret Thatcher (1925-2013), mandato este que incrivelmente se estendeu por três mandatos consecutivos (1979-1990) na Inglaterra (SAFATLE, 2021).

A partir destas três experiências bem-sucedidas de implementação da lógica normativa de conjuntura neoliberal (a ditadura de Pinochet no Chile; o reaganismo nos EUA; e o thatcherismo na Inglaterra), o mundo nunca mais foi o mesmo. A citação que se segue, ainda que longa, sintetiza, de maneira lapidar a identidade do neoliberalismo após ter sido implementada com sucesso em duas grandes potências nacionais, haja vista que nela Chauí (2018) oferece uma descrição analítica assertiva ao nos propor que

> [...] Esse modelo político tornou-se responsável pela mudança da forma da acumulação do capital, hoje conhecida como "acumulação flexível", isto é, o incentivo à especulação financeira em vez dos investimentos na produção; o monetarismo superou a indústria. [...] Em resumo, o neoliberalismo é a decisão de investir o fundo público no capital e privatizar os direitos sociais, de maneira que podemos defini-lo como alargamento do espaço privado dos interesses de mercado e encolhimento do espaço público dos direitos, cujo pressuposto ideológico básico é a afirmação de que todos os problemas e malefícios econômicos, sociais e políticos do país decorrem da presença do Estado não só no setor de produção para o mercado, mas também nos programas sociais, donde se conclui que todas as soluções e todos os benefícios econômicos, sociais e políticos procedem da presença das empresas privadas no setor de produção e nos serviços sociais. Em outras palavras, o mercado é portador de racionalidade sociopolítica e agente principal do bem-estar da república. Isso transparece claramente na substituição do conceito de *direitos* pelo de *serviços*, que leva a colocar *direitos sociais* (como a saúde, a educação e a cultura) no setor de *serviços privados*. [...] (CHAUÍ, 2018, p. 202-203).

Ou seja, a homília neoliberal imposta pelos seus ideólogos mais aguerridos passou a tomar como ser da realidade a fragmentação econômica e social e a compressão espacial, temporal e geográfica gerada pelas novas formas de tecnologia e de gerenciamento do trabalho fomentado pelo capital financeiro. Esse modelo de sociedade costuma contemplar os atores sociais simplesmente como "clientes" ou como "força de trabalho", assim como se assenhora de diversas formas de trabalho explorado, como é dos migrantes e imigrantes procedentes do Sul global, que, na maioria dos casos, não possuem a menor chance de encontrar empregos decentes. Desse modo, passam a trabalhar nas margens da legalidade, *i. e.*, sem documentação de residência legal (MARTÍNEZ, 2023). Esse ideário, falsificado e somado à ideologia de "meritocracia" e de "empreendedorismo", corresponde a um *ethos* de vida que determinado pelas mais variadas formas de violência e de insegurança social geradas e institucionalizadas pelo Mercado.

Esse novo e promissor *ethos* possui, grosso modo, alguns traços constitutivos que podemos sumarizar em cinco pontos distintos que se retroalimentam ininterruptamente. Vejamos estes então: 1) Insegurança institucionalizada, o que por sua vez leva a aplicação de recursos privados no mercado de futuros e de seguros; 2) A dispersão total da identidade de classe e um forte inculcamento da ideologia

do despotismo concorrencial; 3) Um grande sentimento de insegurança reacionário e fundamentalista que ressalta a importância do reavivamento das antigas instituições mistificadoras e autoritárias ou fundamentalistas religiosas; 4) A destruição da memória e da razão com a promoção do pós-modernismo e da pós-verdade, do irracionalismo e do subjetivismo como critério de veracidade; 5) Relega à condição de mitos totalitários, *i. e.*, defende ideias de racionalidade positivista, contraste entre necessidade e contingência etc.

Embelezado com essa "manipulação do nonsense" (cinismo tolerado, racismo furtivo, chauvinismo, obscurantismo científico, antropofagia maquinal etc.), o resultado foi verdadeiramente surpreendente: os lugares comuns da sociedade mais banais foram "reformados" e reformulados; os preconceitos mais absurdos, falseados e legitimados; e, graças ao seu poder mistificador, *voilà*, todos os gatos se tornaram magicamente em lebres (SAFATLE, 2021). A ideologia neoliberal, conforme Chauí (2018, p. 204), realiza como seu imperativo categórico insaciavelmente voraz três grandes inversões: "substitui a lógica da produção pela da circulação; substitui a lógica do trabalho pela da informação; e substitui a lógica da luta de classes pela da satisfação-insatisfação dos indivíduos no consumo".

Além de se estabelecer como um processo de corrosão do entendimento social e coletivo, o *ethos* neoliberal se firmou como uma instância de controle das subjetividades, gerindo e dominando o nosso sofrimento psíquico, fazendo, ao fim e ao cabo, da economia "a continuação da psicologia por outros meios", ou seja, um mecanismo autoritário de dominação subjetiva por meio da lógica da produtividade. O *modus operandi* do neoliberalismo desaguou em uma crescente desigualdade de rendimentos, à uma severa instabilidade macroeconómica e ao baixo investimento estatal (LANE, 2023). A forma de ser do neoliberalismo, portanto, é construída discursivamente em torno de um inimigo comum, o Estado, que representa o coletivo social fracassado, onde, por sua vez, e em favor de um herói, advoga em causa do 'indivíduo-empresa'. Nessa feita, a gestão neoliberal possui como característica principal a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação (CARVALHO, 2023).

Após a agudização da "crise estrutural do modelo sociometabólico capitalista" (MÉSZÁROS, 2021), iniciada entre 1968-1973, de anos de muita "canibalização social", e por conta de diversas contradições políticas e administrativas que não abordaremos aqui, em 1989, o mantra supremo da homilia neoliberal, tão entoado por M. Thatcher, Yoshihiro F. Fukuyama, entre tantos outros ideólogos do fim do mundo e pelo *mass media*, o "*There is no alternative*", finalmente, chegou a sair até da boca de Mikhail Gorbachev e a *Coca Cola* passou a ser produzida na "China maoísta".

Assim sendo, para o deleite dos capitais e de seus trustes transnacionais, finalmente, nós pudemos, então, com o "fim" das "experiências comunistas" soviética e chinesa, com a subordinação da

linha de produção chinesa aom e, finalmente, com a tão aclamada instituição da hegemonia do modelo sociometabólico capitalista, entrar na tão sonhada mundialização econômica, período também chamado por alguns de globalização. A partir da globalização, sempre se utilizando de uma estratégia combinada que vai de ciclos de "contrarrevoluções preventivas" (ANTUNES, 2011), com ciclos de violência abertas e declaradas, que a sanha do mercado, salvo raríssimas exceções que nos chegam graças ao trabalho de alguns humanitaristas "muito bem intencionados" e "um tanto desavisados" que, alegremente, apresentam-nos comunidades remotas que ainda vivem de modo tribal no Xingu, na Nova Guiné ou em um outro lugar esmo qualquer e, assim, acabam conseguindo confirmar apenas a regra geral, que é a da expansão desigual e combinada do mercado por toda parte, passou a estender os seus tentáculos por todo o globo.

NEOLIBERALISMO E NEOIMPERIALISMO: O MITO DA ECONOMIA MUNDIALIZADA (GLOBALIZAÇÃO)

Além de ser um sistema econômico e se tratar de uma aplicação filosófica práxica, o neoliberalismo é uma cultura e uma ideologia que molda as formas das pessoas se relacionarem umas com as outras e consigo mesmas. Embora percebamos que cada contexto nacional, regional e/ou local seja único e que diferenças importantes surgem dentro de cada sociedade, como, por exemplo, entre ambientes rurais e urbanos, também podemos tomar ciência de que o neoliberalismo é uma força importante que regula a vida, as relações e as construções da maioria dos países industrializados e sociedades orientadas para o mercado (GEMIGNANIE; HERNÁNDEZ-ALBÚJAR, 2022).

Nas palavras dos autores mencionados por último:

> Sendo um sistema cultural e ideológico que visa reorganizar as economias globais, a "condição neoliberal" baseia-se na crença geral de que as pessoas se comportam e devem ser governadas da mesma forma que um mercado económico, que opera de acordo com a procura e a oferta, celebra o empreendedorismo e atribui às pessoas responsabilidades pessoais pelas suas escolhas e resultados. O neoliberalismo "constitui um novo modo de 'governamentalidade', uma maneira, ou uma mentalidade, na qual as pessoas são governadas e governam a si mesmas" enquanto simultaneamente constrói o mundo como cada vez mais mercantilizado – nas palavras de Harvey, um mundo caracterizado pela " mercantilização de tudo" (GEMIGNANI; HERNÁNDEZ-ALBÚJAR, 2022, p. 2).

Isto posto, e agora nos amparando em Antunes (2005), podemos afirmar que o pragmatismo neoliberal se espraiou no *Terceiro Mundo* de "forma dócil" aos capitais externos, aproveitando-se sempre da concorrência intramonopólica, vislumbrando à modernização capitalista ao preço do sucateamento do capital estatal, destruindo os pequenos e médios capitais e, principalmente, implodindo

a tecnologia nacional, permutando-a, assim, por uma tecnologia forânea e abrindo, por fim, o nosso parque produtivo para os trustes que detém o monopólio comercial e das patentes que possibilitam o avanço tecnológico. Ou seja, como bem diz Doherty (2023) "o impulso para a acumulação canibaliza continuamente as actividades parcialmente não mercantis das quais o capital depende para a reprodução da força de trabalho".

Pari passu a tudo isso, a pragmática neoliberal torna a existência do já enorme e sem nenhum precedente em nossa história contingente de "sub-assalariados" em algo ainda mais miserável e bestializado. Por esta razão, Antunes (2005) escrevera que:

> [...] Não é demasiado lembrar que a modernização neoliberal para o Terceiro Mundo penaliza de maneira muito mais brutal e nefasta o mundo do trabalho. Despossuído, dilapidado, desqualificado, o ser social não consegue nem mesmo viver do seu trabalho. Converte-se, em largas faixas, numa classe sem trabalho, que vive da miséria da economia informal. Aqueles que permanecem no mercado de trabalho formal vivenciam níveis de subtração salarial, de superexploração do trabalho que tornam sua cotidianidade marcada pela escassez e pela redução crescente da satisfação de suas necessidades. [...] (ANTUNES, 2005, p. 17).

Dessa forma, também vale lembrar que nesta administração por *managemente by stress* laboral, os trabalhadores que demonstraram algum tipo de insubordinação, como forma de disciplinamento, foram lembrados a todo momento do risco do desemprego que como muito bem nos alertou Marx (2022), o medo da mendicância, das formas mais abjetas e aviltantes de sobrevivência e da morte por inanição submete os trabalhadores a um regime de disciplina eficiente que os obriga a sujeitarem-se a todas as exigências dos capitalistas.

O filósofo István Mészáros, em várias de suas obras, nos assevera que o sistema sociometabólico do capitalismo de nosso tempo tornara-se ainda mais violento e incontrolável do que em qualquer outra época de nossa história em razão do fracasso em substituir a "mão invisível" da antiga ordem reprodutiva pelo autoritarismo voluntarista e despótico das novas personificações do "neoimperialismo" capitalista. Conforme Mészáros (2007, p. 85) "a cada nova fase de protelação forçada, as contradições do sistema do capital só se podem agravar, trazendo consigo um perigo ainda maior para a própria sobrevivência da humanidade". Mészáros (2007) tinha uma concepção tão acertada sobre essa questão que assim ele definiu a sanha "neo-imperialista"

> [...] Dada a atual situação do desenvolvimento, com seus grandes problemas intrínsecos que reclamam uma solução duradoura, somente uma resposta universalmente válida pode funcionar. Mas, não obstante sua globalização imposta, o sistema irreversivelmente perverso do capital é estruturalmente incompatível com a universalidade, em cada sentido do termo. [...] (MÉSZÁRIOS, 2007, p. 86).

Ademais, dialogando com o seu parceiro de pesquisa e amigo sobredito, Antunes (2011), por exemplo, descreveu de forma certeira o que serviu de base para o efeito do neoimperialismo da seguinte maneira:

> [...] A globalização neoliberal rompeu com o curso do emprego e da proteção social ampliada, instalada em várias nações do mundo. Mesmo na periferia do capitalismo, que jamais registrou um patamar de conquista dos trabalhadores equivalente ao das economias avançadas, houve melhoras importantes em relação ao começo do século XX. Atualmente, contudo, a situação se inverteu, com a piora nas condições e relações de trabalho, inclusive no centro do capitalismo. Na periferia, a destruição dos direitos do trabalho tornou-se uma ação quase contínua, especialmente nos governos dóceis à globalização neoliberal. [...] (ANTUNES, 2011, p. 123-124).

Dito isso, e dialogando agora com Fraser e Jaeggi (2020), podemos afirmar que a "hipermobilidade do capitalismo auto imanente" desaguou no fenômeno denominado pela ciência política de globalização, onde o mesmo, por sua vez, pode ser encarado de forma crítica como um fenômeno polissêmico e multifacetado. O conceito de globalização cumpre uma função mistificadora e de gentrificação do tecido já bastante puído do "Mercado" em nossa contemporaneidade, onde tanto substitui as noções de desenvolvimento econômico e social quanto mistifica o malogro da divisão internacional do trabalho. Dito em outras palavras, e agora em diálogo com Harvey (2020), o conceito de globalização é definido pelos economistas críticos, a partir da interdependência crescente de todos os mercados nacionais em direção à constituição de um mercado mundial unificado – o que, por sua vez, ilustra a tendência histórica à internacionalização do capital.

Pari passu ao que fora dito no último parágrafo, houve uma reelaboração na planta produtiva e nos desenhos da divisão internacional do trabalho (ANTUNES, 2005; 2011). Uma sequência de alterações no modo de organizar a produção sociotécnica, onde permutou-se, em alguns lugares de forma parcial enquanto em outros de forma total, os *layouts* na grande maioria das empresas. Antunes (2011) nos explica de forma categórica logo à frente que,

> [...] Em uma década de grande salto tecnológico, a automação, a robótica e a microeletrônica invadiram o universo fabril, inserindo-se e desenvolvendo-se nas relações de trabalho e de produção do capital. [...] O fordismo e o taylorismo já não são únicos e mesclam-se com outros processos produtivos (neofordismo, neotaylorismo, pós-fordismo) decorrentes das experiências da "Terceira Itália" [...] como a experiência japonesa a partir do Toyotismo [...] (ANTUNES, 2011, p. 23).

Outrossim, devemos ressaltar o processo que fora fomentado de territorialização, de desterritorialização e de reterritorialização da produção em nível global dentre o leque de consequências de continuidade e de descontinuidade em relação ao passado recente que se sucederam ao longo de toda

década de 1980 na divisão internacional do trabalho (HARVEY, 2020). Rolnik (2019), ao tratar da questão agrária brasileira, nos desvela que esta conflitualidade entre territorialização, desterritorialização e reterritorialização são inerentes ao processo constitutivo do capitalismo em detrimento do paradoxo gerado por sua contradição estrutural.

Conforme Rolnik (2019) e Harvey (2020), o desenvolvimento desta conflitualidade sobredita acontece simultaneamente à realização da sanha capitalista e, consequentemente, promove a transformação dos territórios, modificando a paisagem, criando comunidades (bairros, favelas etc.), empresas de diversos nichos de mercado e, até mesmo, municípios inteiros, mudando sistemas agrários e bacias fluviais, criando e/ou complementando mercados, criando e refazendo costumes e culturas, inventando e reinventando modos de vida, reeditando permanentemente o mapa da geografia agrária, reelaborado por diferentes modelos de desenvolvimento.

Dito isso, vale ressaltar que estas transformações socioespaciais e políticas do território não são uma exclusividade do Sul global, embora esta informação seja até bem autoevidente aos estudiosos do mundo do trabalho que, abaixo da Linha do Equador, as relações de "subtrabalho" sejam assustadoras até mesmo para os defensores do neoliberalismo, e há muito já ameaça o sonho de consumo e de vida dos defensores do liberalismo, *i. e.*, desde que o Estado providência começou a ser dilapidado, que "os Campus Elíseos" europeus passaram a conviver com as formas de contratação já bem conhecidas pelas suas "antigas colônias" do Sul global (BRAGA, 2023).

Antunes (2005) nos desvela que com as implementações neoliberais na década de 1990 houve uma verdadeira "diáspora" das grandes empresas tradicionais e de grande porte mundiais sob a alegação da concorrência internacional causando uma dispersão geográfica, buscando níveis mais rebaixados de remuneração da força de trabalho, legislações trabalhistas onde não precisassem se preocupar com os acintes de *labour* e, por fim, de incentivos fiscais ofertados pelo Estado.

Sem temermos a teoria e, por isso mesmo, tomando em mãos a práxis materialista e crítico-dialética como bússola para a formação humana integral, embasando-nos em Saviani e Duarte (2021), nos posicionamos em contraposição a "praxis manipulatória", ao "subjetivismo" e ao "relativismo alienante", ao "ecletismo teórico solipcista" e ao "irracionalismo beligerante" constantes nas formulações constituintes da perspectiva hegemônica.

Nesse sentido, compreendemos que a questão mais elementar a se propor após a discussão que veio se arrolando até aqui é de que devemos articular atividades educativas que apontem para o horizonte da emancipação humana, as quais, em conjunto com as lutas empreendidas pela classe trabalhadora, sinalizem para o trabalho livre associado e para formação de indivíduos livres e universais, pois como apontam Paulino, Araújo e Medeiros (2020), "para que os dominados superem esta condição

eles precisam se apropriar daquilo que os dominantes dominam e lhes negam como condição de dominação".

Cientes de que o capitalismo esgotou todas as suas potencialidades civilizatórias e humanizadoras (MÉSZÁROS, 2021), ensejamos ter conseguido demonstrar até aqui a existência real e objetiva de uma vinculação entre a emergência do neoliberalismo, a crise estrutural do capital e as condições de trabalho abjetas do Mundo do Trabalho do capitalismo decadente, seja na forma específica do desemprego estrutural ou de uma forma em geral, no modo como a classe trabalhadora é atingida por esta crise. A crise estrutural do sistema capitalista, por conseguinte, resulta em crise na sociedade e na educação. Não é por acaso que o Estado – compreendido aqui enquanto mediador das relações sociais e máquina de guerra a serviço permanente da burguesia – é chamado, exatamente, para agir junto ao conjunto de "contrarreformas" (ANTUNES, 2005) na sociedade de classes necessárias ao seu "equilíbrio desigual".

Apoiados em Engels (2023), Marx (2022), Mészáros (2021; 2007) e Antunes (2011), destacamos que o desemprego estrutural é imanente ao *modus operandi* como o capital operacionaliza sua acumulação. A funcionalidade do exército industrial de reserva é mantenedora dos salários em níveis de manutenção da subsistência mais basal. Em tempos de crise estrutural crônica do capital como os atuais vivenciamos a eclosão do "autoritarismo furtivo" e de "barbárie" (SINGER; ARAUJO; BELINELLI, 2021) em praticamente quase todos os países, mas de forma bem mais intensa no Sul Global (BRAGA, 2023).

A precariedade das relações sociais é também uma condição criada através da expansão avarenta neoliberal que se manifesta, de modo geral, na economia e, de modo específico, em regimes de subcontratação de curto prazo que impõem insegurança e vulnerabilidade a classe trabalhadora (REDDY; AMER, 2022). Ou seja, ninguém fica mais imune à severa desumanização presente nas relações econômicas e de trabalho, expressadas pelo desemprego em massa e a precarização das relações de trabalho em todos os ambientes e áreas laborais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que ora começa a se encerrar teve como objetivo conhecer o atual estado da arte da produção científica sobre o neoliberalismo e os seus impactos nas relações sociais e de trabalho. Para isso, realizou-se uma pesquisa heurística a partir da produção bibliográfica de autores renomados das grandes áreas da ciência, como é o caso da Sociologia, Filosofia, Educação e afins, a partir do conteúdo

disponibilizado nas seguintes plataformas de busca de trabalhos acadêmicos: *Scopus*, *ScienceDirect.*, *SciELO* e *Web of Science*, em janeiro de 2024.

A pesquisa permitiu identificar os principais arquétipos histórico-filosóficos do neoliberalismo e a sua relação com as relações sociais vigentes na sociedade capitalista hodierna a partir da produção científica sobre este fenômeno social e filosófico-econômico identificando um *corpus* de 16 livros e 4 artigos publicados em língua portuguesa e 8 artigos publicados no interregno de 2019-2024 em língua inglesa e 1 em idioma espanhol. Dentro dos limites que alcançamos em nossa escrita, esta pesquisa sugere que embora o tema estudado possua uma larga produção científica lhe circunscrevendo datada desde a década de 1990, e sob os mais variados escopos, dada a sua expansão crescente em direção às subjetividades humanas nos últimos decênios, trata-se de um tema ainda em construção e, por isso mesmo, carente de pesquisas que lhe atualizem à luz de seus fundamentos.

A partir das pesquisas embasadas na teoria materialista ou crítico-dialética, foi possível fazer um levantamento dos estudos e autores mais citados, os quais compõem o *corpus* desta investigação bibliográfica, que aponta para os seguintes achados: encontramos uma larga indicação acerca dos impactos da competição desenfreada no mundo do trabalho em razão das exigências do neoliberalismo em escala global e nacional; marcos históricos fundamentais à compreensão do fenômeno por nós analisado; exposição dos marcos histórico-filosóficos que aventam o neoliberalismo na sociedade contemporânea e os traços que lhes são mais pertinentes; apresentação dos impactos geográficos e materiais do neoliberalismo no âmbito mundial e brasileiro; lançar mãos em um resgate dos princípios mais fundamentais do neoliberalismo e o impacto deste *páthos* na área dos serviços de saúde à luz de autores liberais.

Ao avaliarmos a autoria e os veículos de publicação internacionais, percebeu-se que há uma carência de autores materialistas e/ou ligados à teoria crítico-dialética junto aos periódicos que produzem ou publicam mais sobre o tema. Porém, constata-se uma diversidade geográfica e de área de formação das publicações, assim sem a formação de um núcleo de pesquisadores hegemônico.

À guisa de conclusão, como limitação da pesquisa, julgamos que se faça em análises futuras mais estudos nas plataformas internacionais com base em autores ligados à teoria crítica sobre a relação do neoliberalismo com a precarização das relações sociais e, *pari passu*, com as relações de trabalho deletérias fomentadas pelos acólitos do modelo de gestão social neoliberal. O desenvolvimento dessa segunda agenda de pesquisa pode se mostrar bem frutífera. Pesquisas futuras podem objetivar averiguar o comprometimento com a segurança social entre regimes liberal-democráticos (neoliberais) e progressistas (críticos). Pesquisas futuras também poderão atender a parâmetros de mensuração da relação do neoliberalismo sobre o conhecimento que vem sendo difundido nos mais variados canais de

informação, um fenômeno que ganhou notoriedade nos últimos anos com o cognome de *fake news*, ou com os impactos do antropoceno, como é o caso, por exemplo, do derretimento do *permafrost* e a destruição acentuada da natureza na Amazônia.

Por fim, consideramos, ainda, neste trabalho que a vulnerabilidade social e a agudização da precarização das relações contratuais é um *conditio sine qua non* da manutenção e autoexpansão do modelo econômico capitalista. Este processo, após quatro decênios seguidos, começa a se manifestar em nossas ações, desde as mais simples, como as que tomamos no cotidiano doméstico, até as mais complexas, como as que são tomadas pelos gestores políticos, nas instituições públicas, e, desse modo, espalha-se pela sociedade como um todo. A não superação deste mal resultará, inevitavelmente, em conflitos sociais que passarão de geração para geração. Para as próximas gerações, a situação poderá ser catastrófica, olhando pelo fato de que a sociedade contemporânea está cada vez mais a aumentar e os recursos cada vez mais a escassear.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.

ANTUNES, R. **A desertificação neoliberal no Brasil (Collor, FHC e Lula)**. Campinas: Editora Autores Associados, 2005.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

BAG, K.; WATKINS, S. "Structures of oppression: consulting analogies of race and caste". **New Left Review** [2021]. Disponível em: <www.newleftreview.org>. Acesso em: 23/01/2024.

BECKER, J.; HARTWICH, L.; HASLAM, S. A. "Neoliberalism can reduce well-being by promoting a sense of social disconection, competition, and lonelisses". **British Journal of Social Psychology**, vol. 60, 2021.

BRAGA, R. **A angústia do precariado**: trabalho e solidariedade no capitalismo racial. São Paulo: Editora Boitempo, 2023.

CARVALHO, C. S. "Made a Moby-Dick: an Organizational Reading of Paulo Guedes' Privatist Monomania as a Discursive Strategy of Neoliberal Authoritarian Leadership in Brazil". **Organizações e Sociedade**, vol. 104, 2023.

CELESTINO, C. F. P. "Práticas (neo)liberais em Moçambique e o novo paradigma político para o desenvolvimento social". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 12, n. 34, 2022.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Pearson Prentice Hall, 2007.

CHAUÍ, M. “Contra a universidade operacional”. *In*: CHAUÍ, M. **Em defesa da educação pública, gratuita e democrática**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

CHOMSKY, N. **Quem manda no mundo?** São Paulo: Editora Planeta, 2017.

DOHERTY, C. “Topographies of capital: gender, class and nature in Freser’s critical theory”. **New Left Review** [2023]. Disponível em: <www.newleftreview.org>. Acesso em: 23/01/2024.

ENGELS, F. **Resumo de O capital**. São Paulo: Editora Boitempo, 2023.

FOSTER, J. B. “Absolute capitalism”. **Monthly Review** [2019b]. Disponível em: <www.monthlyreview.org>. Acesso em: 10/01/2024.

FOSTER, J. B. “Capitalism has failed – what next?” **Monthly Review** [2019a]. Disponível em: <www.monthlyreview.org>. Acesso em: 10/01/2024.

FRASER, N.; JAEGGI R. **Capitalismo em debate**: uma conversa na teoria crítica. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

GEMIGNANI, M.; HERNÁNDEZ-ALBÚJAR, Y. “Neoliberal and pandemic subjectivation processes: clapping and singing as affective (re)actions during Covid-19 home confinement”. **National Library of Medicine**, n. 43, 2022.

GEORGE, K.; HEPBURN, K. J. “Is Neoliberalism Killing Us? A Cross Sectional Study of the Impact of Neoliberal Beliefs on Health and Social Wellbeing in the Midst of the COVID-19 Pandemic”. **International Journal of Social Determinants of Health and Health Services**, vol. 53, 2023.

HARVEY, D. **Os sentidos do mundo**: textos essenciais. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

LANE, A. “Martin Wolf, the crisis of democratic capitalism”. **New Left Review** [2023]. Disponível em: <www.newleftreview.org>. Acesso em: 23/01/2024.

LIN, J. L.; WONG, Y. “Back to Marx: reflections on the feminist crisis at the crossroads of neoliberalism and neoconservatism”. **Humanities and Social Sciences Communications,** vol. 10, n. 954, 2023.

LUKÁCS, G. **Estética**: a peculiaridade do estético. São Paulo: Editora Boitempo, 2023.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

MARTÍNEZ, J. M. G. “Historias negadas: Migración forzada de Honduras y El Salvador a España en el siglo XXI”. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, vol. 31, n. 67, 2023.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

MÉSZÁROS, I. **O desafio e o fardo do tempo histórico**: o socialismo no século XXI. São Paulo: Editora Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, I. **Para além do leviatã**: crítica do Estado. São Paulo: Editora Boitempo, 2021.

MISSOS, V.; DOMENIKOS, C.; PONTIS, N. “Hardening the EU core-periphery lines, 2009–2019: Dependency, neoliberalism, welfare reformation and poverty in Greece”. **Structural Change and Economic Dynamics**, vol. 69, 2024.

PAULINO, F. G. O. **O trabalho estilhaçado**: a acumulação primitiva do trabalho plataformizado (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia). Fortaleza: UECE, 2022.

PAULINO, F. G. O.; ARAÚJO, M. N.; MEDEIROS, J. L. “Humanismo, práxis educativa e didática em Paulo Freire”. **Revista Cocar**, vol. 14, n. 30, 2020.

POLLOCK, A. *et al.* “Interventions to support the resilience and mental health of frontline health and social care professionals during and after a disease outbreak, epidemic or pandemic: a mixed methods systematic review”. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, vol. 5, n. 11, 2020.

REDDY, G.; AMER, A. “Precarious commitments and knowledge production policies: listening to calls to reorient hegemonic social psychology”. **British Journal of Social Psychology**, vol. 62, 2023.

ROLNIK, R. **Guerra dos lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.

SAFATLE, V. “A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral”. *In*: SAFATLE, V. *et al*. (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

SAVIANI, D.; DUARTE, N. **Conhecimento escolar e luta de classes**: a pedagogia histórico-crítica contra a barbárie. Campinas: Editora Autores Associados, 2021.

SEVILLA, J. C. “Do neoliberalismo na América Latina ao kirchnerismo: novos ventos continentais?” **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 13, n. 39, 2023.

SINGER, A.; ARAUJO, C.; BELINELLI, L. **Estado e democracia**: uma introdução ao estudo da política. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021.

SOARES, A. H. R. *et al*. “Qualidade de vida de crianças e adolescentes: uma revisão bibliográfica”. **Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 16, n. 7, 2011.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VI | Volume 17 | Nº 49| Boa Vista |2024

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima